

REQUERIMENTO Nº , DE 2015

Requeiro, nos termos do art. 222 do Regimento Interno do Senado Federal, a inserção em ata de voto de Congratulações e Aplausos pelo transcurso do centenário do nascimento do do ex-deputado federal e constituinte Fernando Sant'Anna.

JUSTIFICAÇÃO

Quero prestar minhas homenagens e, ao mesmo tempo, relembrar um pouco a história de vida e coerência do ex-deputado federal e constituinte Fernando Sant'Anna que, se vivo estivesse, completaria 100 anos no próximo dia 10 de outubro. Fernando nos deixou em março de 2012, aos 97 anos, depois de quase um século dedicado às causas do povo brasileiro. Para relembrá-lo, tomo emprestado o título da sua biografia, escrita por Antônio Rizério, "Adorável Comunista". Um comunista convicto que atravessou o século XX e chegou ao século XXI sem jamais afastar-se de suas convicções, mas com a leveza evidenciada na alegria e no amor pela vida, testemunhada por seus muitos amigos e registrada em vários depoimentos dos quais extrai subsídios para esta homenagem.

Nascido no município de Irará, região de Feira de Santana, nordeste da Bahia, em 11 de outubro de 1915, Fernando Sant'Anna era filho de família rica e influente em termos políticos. Seu pai, coronel Pompilho de Sant'Anna era proprietário de terras e armazéns. E Fernando, negando qualquer determinação de classe, transformou-se em comunista. Em Irará, cursou o primário e por lá



permaneceu trabalhando com o pai. Em 1932, a exemplo de outros jovens da época que residiam no interior, foi para Salvador estudar.

Na capital baiana, conforme lembra seu grande amigo Eduardo Santiago (Dida), “tornou-se em definitivo uma perfeita expressão soteropolitana, integrando-se completamente à vida da cidade, sabendo descobrir o que ela tem de mais importante - sua cultura, sua negritude, seu gosto pela dança e amor pela vida”.

2

Em 1933, ingressou no Ginásio da Bahia - o Colégio Central - e foi nesse espaço de efervescência política que se tornou militante do PCB. No livro de Rizerio, ao qual me referi há pouco, é ele quem revela que seu envolvimento com a política decorre de muitos fatores: a constatação da consequente indignação com as desigualdades sociais; sua reação à miséria; desencanto com a Revolução de 30; educação de fraternidade e de igualdade recebida na casa dos pais Pompilho e Genésia; e a presença de familiares na política.

Fernando destacou-se de forma intensa no movimento estudantil e ao ingressar na Escola Politécnica, em 1940, tornou-se uma liderança. Foi presidente da Associação dos Universitários da Bahia, em 1941, e figura predominante na reorganização da UNE, sendo, inclusive, o relator dos estatutos no Congresso de 1942. Em 1944 formou-se engenheiro.

Após sua formatura, tornou-se engenheiro-chefe do Segundo Distrito da Aeronáutica (Bahia e Sergipe), em 1945, sendo logo depois chamado a trabalhar como assessor direto do educador Anísio Teixeira, no governo de Octávio Mangabeira, como engenheiro-chefe encarregado da planificação e construção de escolas públicas.

Na campanha “O Petróleo é Nosso”, desencadeada a partir de 1948, Fernando, na condição de presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, foi

referência nas articulações, na formulação, na aproximação com diversos setores nacionais e na mobilização da sociedade, em um momento de debates intensos de teses sobre a importância estratégica do petróleo para o desenvolvimento nacional.

Com o PCB na ilegalidade, filiou-se ao PTB e foi eleito deputado em 1958, porém deixando clara sua militância comunista. Integrou-se à esquerda do PTB no chamado “grupo compacto”. Destacou-se na organização da Frente Parlamentar Nacionalista. Ao mesmo tempo, defendeu a viabilização da mudança da capital para Brasília.

Reeleito deputado federal em 1962, desta vez pelo PSD, já que na Bahia o PTB apoiava a candidatura de Lomanto Junior ao governo e seu partido estava com Waldir Pires, teve seu mandato cassado com o golpe militar de 64, com o Ato Institucional Nº 1. Na hora da cassação, dirigindo-se aos colegas no Parlamento, disse:

“Fiquem tranquilos porque, de minha parte, não dirigirei a nenhum um pedido sequer, mesmo na defesa dos mandatos ameaçados.

Se isto acontecer, cada um dos senhores que decida de acordo com a sua consciência.

Vote ou não pela cassação, mas, particularmente, como um dos incluídos na relação dos condenados, posso garantir a todos os meus amigos - porque nunca tive, nesta Casa, inimigos, a não ser aqueles que se constituíram livremente, meus inimigos - posso deixar tranquilos a todos não irei solicitar a ninguém o beneplácito ou a misericórdia desse mandato”.

Com o mandato cassado, Fernando se abriga na casa de amigos e posteriormente tem que se asilar na Embaixada da Iugoslávia para, depois, se

exilar naquele país. Ao retornar ao Brasil, em 1965, foi preso e ficou incomunicável durante meses. Após recuperar direitos políticos, voltou ao Congresso Nacional elegendo-se deputado em 1982, pelo PMDB, que era o grande guarda-chuva dos partidos de esquerda. Mais uma vez no centro das decisões políticas, contribuiu na luta pelas Diretas e foi um dos construtores do processo da eleição de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral.

Com o PCB legalizado em 1985, da tribuna manifesta sua condição de comunista e de militante do Partidão. Em 1986, reelege-se deputado, desta feita constituinte, e integra uma minúscula bancada de três deputados eleitos pelo PCB.

Tive o privilégio de atuar com Fernando Sant'Anna na Constituinte e presenciar sua ampla contribuição na discussão dos principais temas nacionais, notadamente os que se referiam à reforma agrária, ao desenvolvimento nacional, aos interesses do povo brasileiro, discussões sobre o conceito de empresa nacional e o debate sobre a importância e a amplitude necessária da Assembleia Constituinte. Ele integrou a Comissão da Ordem Econômica e foi segundo presidente da Subcomissão da Política Agrícola e Fundiária e da Reforma Agrária, participando da então chamada Frente Parlamentar Nacionalista e sendo considerado um dos deputados nota 10 pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, o DIAP, notabilizando-se pela luta em nacionalizar o subsolo e suas riquezas minerais. A atuação política de Fernando Sant'Anna é descrita por Jorge Amado nos seguintes termos:

“ ... Na comissão, no plenário, na redação e discussões dos projetos, na conversação e no acerto político, sua presença é marcante e, por vezes, decisiva. Inflexível na defesa de suas posições é, ao mesmo tempo, o anti-sectário por excelência. Nasceu para o convívio e para a amizade”.

Sobre sua capacidade de fazer amigos, escreve o jornalista e ex-deputado Emiliano José:

“Seu amor pela política, sua alegria, tornaram-no capaz de, ao longo da vida, de fazer amizades com pessoas de todas as correntes políticas, sem exceção.

Sabia manter-se firme em suas posições, sem nunca, no entanto, levar nada para o âmbito pessoal.

Nunca escondeu sua condição de comunista. Nunca deixou de ser um democrata.

Defendeu sempre a liberdade e a democracia como valores essenciais da política e da existência humana.

Das ditaduras, sempre foi inimigo”.

Dos seus muitos amigos, Luiz Contreiras, que conhecera no Ginásio da Bahia, engenheiro e comunista como ele, recorda Fernando Sant’Anna como uma pessoa atenciosa e verdadeira, um estudioso extremamente preparado:

“Apesar de comunista, era bem aceito na aristocracia baiana e se relacionava bem com todos, inclusive com os governadores.

Mas nunca deixava de falar o que pensava”.

Quem, como eu, conviveu com Fernando Sant’Anna, seja na militância política em defesa dos interesses da nação, seja desfrutando do dia a dia de sua amizade, certamente terá uma história sobre ele para contar. Minhas homenagens ao centenário do seu nascimento, relembrando frase do cientista político Paulo Fábio Dantas sobre seu amigo Fernando Sant’Anna:

“ O timbre forte de voz, o talento para o comando, o sorriso sedutor, o olhar de fuzil, a inteligência rápida, a perícia no manejo das palavras,

a imaginação fértil para fazer analogias que torneassem sua fala acessível aos menos letrados, as atitudes desabusadas, as reações imprevisíveis, às vezes hilariantes, todos foram traços personalíssimos que, no entanto, sempre estiveram a serviço de alguma missão, ou representação, de natureza pública.

Atributos invulgares que serviam a alguma causa cara ao homem comum.

Antenado para com a importância dos símbolos, jamais se inventou como um, de modo a fazer tábula rasa da importância e rituais coletivos.

Foi um homem de partido sem nele se dissolver e foi um político de esquerda sem fazer disso um salvo-conduto prévio para angariar foros de integridade.

A reputação que gostou em vida e legou aos descendentes de sangue e causa foi conquistada através de luta sempre atualizada.

Luta - é bom que se diga - que jamais seria para ele, nascido que foi em rico berço, uma necessidade.

Tendo ao lado a fortuna de príncipes herdeiros, conduziu-se, por opção, como se fosse um príncipe novo, de quem é exigido abater um leão a cada dia. Ele mesmo raposa e leão, Fernando encarnou como pouca gente o espírito de um estadista”.

